



Filosofia e Psicanálise: Khalil Gibran

Patrícia Lins de Paula

Psicanalista

Khalil Gibran (1883 - 1931) foi um ensaísta, filósofo, prosador e poeta libanês, e sua obra mais conhecida, de longe, é “O Profeta”, originalmente publicada em 1923, em inglês, posteriormente traduzida para mais de 100 idiomas e um dos livros mais vendidos de todos os tempos.

“O Profeta” trata de temas como o trabalho, o amor, dor, prazer, filhos, autoconhecimento, religião, a morte, o bem e o mal, dentre muitos outros, sendo, portanto, uma obra humanista por excelência.

Gibran trata de temas profundos e complexos com muita leveza e sensatez; aborda o amor como suficiente em si mesmo, fora das guerras de poder e apelos egoísticos. Aborda o casamento como a união entre dois seres (fugindo da heteronormatividade), exaltando a individualidade e independência subjetiva, fazendo uma analogia inclusive a um violão: composto de muitas cordas justapostas, mas não absolutamente coladas, os parceiros são como as cordas que juntas vibram de forma harmônica numa mesma música.

Para ele, os filhos não são a continuidade dos seus pais, mas seres independentes, que têm vida própria: “Seus filhos não são seus; são os filhos e as filhas do desejo da vida por si mesma”. Bem se vê, uma visão mais profunda, existencialista até. Neste ponto, tentando fazer uma aproximação à Psicanálise, Freud



em “Introdução ao Narcisismo” (1914) aborda como “O amor dos pais, tão tocante e no fundo tão infantil, não é nada senão o narcisismo dos pais que acaba de renascer”.

Pode parecer contraditório, mas desde que seja confessado que o desejo de um filho tem ressonância na própria construção subjetiva, assumimos que os pais projetam nos filhos suas expectativas e desejos, mas com o tempo começam a perceber o quanto o amor se desenvolve em meio a ambiguidades, sobretudo da presença – ausência, e que se está diante de uma subjetividade em construção, atravessada pelas figuras parentais em sua estruturação, mas não sob seu domínio. Deste modo, sabemos o quanto gerar e criar um filho pode ser traumatizante, perturbador, mas também ressignificante, e inclusive regozijador.

Gibran observa como o processo de autoconhecimento é libertador, cujo repositório de saber já se encontra dentro de nós, e paralelamente quão incrível é, em generalidade, o fato de ainda carregarmos a tendência de buscar afirmações muito objetivas e palpáveis no nosso exterior, como a tentar reafirmar e nos certificar do lado de fora, de nosso saber inconsciente.

Ele entende que o segredo da morte está no âmago da vida: “A vida e a morte são uma só, assim como são o rio e o mar”. Aqui, podemos fazer mais uma aproximação com a Psicanálise, quando na portentosa obra de 1920 “Além do Princípio do Prazer”, Freud afirma que o vivo procede do inanimado e, em consequência, o ser vivo só pode mesmo tender para a morte, porquanto esta o precedeu; parecendo significar que a morte para a qual a pulsão de morte aponta não é a morte do organismo biológico, mas a morte do modelo que representa os interesses deste organismo, que é, em última instância, o Eu. O que nos parece reafirmar Gibran; morremos para nossas ilusões, para vivermos mais quem somos.